


CULTO À MEDIOCRIDADE

A Internet tornou-se um celeiro de idéias cujo conteúdo e veracidade nem sempre podem ser confirmados. Em perspectiva crítica, o fenômeno mostra os exageros de uma cultura da opinião

POR FRANÇOISE TERZIAN





O que é a verdade? Na perspectiva científica, verdade é o que pode ser confirmado a partir de fatos, ou seja, da realidade. Contudo, segundo Andrew Keen, um insider do mundo do vale do Silício e crítico emergente da Web 2.0, está surgindo um novo significado de verdade, de acordo com o qual o verdadeiro é decidido pela maioria – no caso, pela maioria das pessoas que usam a Internet para criar *blogs*, *sites*, Wikipedia etc.

Keen escreveu em 2007 um livro para criticar esse fenômeno de “liberdade de expressão” ensejado pela Web 2.0. A tese de *O culto ao amador* é de que a autoridade transformou-se a ponto de quase desaparecer. Há algum tempo, as pessoas recorriam a “especialistas” para obter informações; hoje, elas podem buscá-las na Internet ou simplesmente fornecê-las. A questão é: qual o grau de segurança e de fidedignidade das informações encontradas em um *blog*? Keen, radical, alerta para a massa de saber duvidoso que cresce na Internet. Para entender melhor suas idéias, a *GV-executivo* entrevistou Kenn com exclusividade.

O senhor critica a Web 2.0, mas também faz parte desse ambiente e tem até um blog. Isso não é incoerente?

AK: Estou dentro do sistema, mas tenho um ponto de vista crítico; analiso os problemas que o envolvem. Olho por dentro e vejo com cautela e crítica o modelo de negócios da suposta revolução da Internet. É verdade que a Web 2.0 está transformando a velha mídia, fazendo-a melhorar; mas, em minha opinião, esse modelo não é bom para o desenvolvimento da carreira e a geração de empregos. Não sou totalmente contra os *blogs* e a Wikipedia. Chego, inclusive, a checar algumas coisas na Wikipedia.

A facilidade de acesso e publicação na Internet não poderia ser considerada o futuro da comunicação?

AK: Não estou certo disso, mas acho que esse futuro pode ser um lugar perigoso para se habitar. Como saberemos em quem confiar, em quais informações acreditar e o que é verdadeiro? Precisaremos ser mais cuidadosos a respeito do que vamos ler e identificar melhor quem produz esses conteúdos. Os conteúdos publicados precisam pautar-se por critérios de bom senso. O fato de o conteúdo ser gratuito não implica que tenha algum valor. Imagine crianças e jovens que, ao entrarem na Internet, seguem direto para a Wikipedia em busca de informações para seus trabalhos escolares. Nem sempre há aí informações verdadeiras, de modo que há um risco na exposição desse público a esses conteúdos. Há também proliferação de jogos ilegais, corrupção e violação de direitos autorais na Internet.

Isso significa que a Internet deveria ser mais controlada e, no limite, regulada?

AK: Penso que a responsabilidade é de todos nós; não acho que é o governo quem deva impor uma solução para essa questão. Não sugiro uma situação como a da China, que proíbe o acesso a vários *sites* e recursos da Internet. Ver a Internet como algo ilegal não é a saída. Por outro lado, acredito que a população usuária da Web 2.0 poderia ter maior consciência e redobrar seu cuidado no uso da Internet. Quando você fica *on-line*, deve respeitar algumas regras. Participar de uma comunidade não é só uma questão de direitos, mas também de deveres e responsabilidades.

